

# DO CÉU AO INFERNO: O COTIDIANO DOS “BORBOLETAS AZUIS” NAS PÁGINAS DO DIÁRIO DA BORBOREMA (1970-1980)<sup>1</sup>

Fabiano Santos Ferreira<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma pesquisa em andamento do movimento religioso “Borboletas Azuis”, que teve seu início na década de 1960, sob a égide do empresário do algodão Roldão Mangueira, que após mudanças ocorridas nos rituais católicos por meio do Concílio do Vaticano II, rompe com o catolicismo e funda o Grupo religioso Casa de Caridade Jesus no Horto. A fundação do grupo acontece após receber uma revelação do Padre Cícero. Por conta das vestes utilizadas pelos adeptos do movimento ficaram conhecidos na cidade sob a alcunha de “Borboletas Azuis”. O grupo religioso tem os olhares da cidade e do mundo voltados para si quando iniciaram a proclamar que tinham recebido do próprio Jesus uma mensagem de como e quando aconteceria o fim do mundo. Inicialmente minhas pesquisas ficaram delimitadas a análises das edições do jornal Diário da Borborema entre os anos 1970-1980, e em leituras de artigos científicos relacionados ao tema.

**Palavras-chave:** Borboletas Azuis. Diário da Borborema. Seita.

## INTRODUÇÃO

O ponto inicial das minhas pesquisas foi na Biblioteca Atila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, onde pude me debruçar sobre as publicações do Jornal Diário da Borborema de Campina Grande – PB dos anos 1970-1980, porém, é nos anos finais da década de 1970 onde pude encontrar um maior número de notas a respeito do movimento religioso, mais precisamente a partir do ano de 1978, que coincide com o período em que o grupo anuncia à humanidade que recebera uma mensagem do espírito do menino Jesus contendo instruções a respeito do fim do mundo por meio de dilúvio que duraria 120 dias.

Tenho por objetivo apresentar as representações produzidas pelo periódico a respeito do grupo religioso e suas profecias no imaginário da população campinense. Por meio das transcrições de algumas reportagens abordando os diversos discursos de alteridade produzidos pela sociedade.

O desenvolvimento desse trabalho deu-se a partir dos paradigmas da História Cultural, com isso me vali dos conceitos de representação presentes nas falas de Roger Chartier e Sandra Pesavento, tendo como baliza a metodologia desenvolvida pela Tania Regina de Luca, que nos apresenta meios de como utilizar os periódicos para a escrita da História.

Desta forma, pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que paralelamente, descrevem a sociedade como tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. (CHARTIER, 1988 p. 19).<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Orientador: Prof. Dr. José Pereira de Sousa Junior - Professor de História da UFRN/ CERES/CAICO – DOUTORANDO PELA UFPE – COLABORADOR / NEAB-Í/UEPB.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Email:fabianosantosferreira1@gmail.com

<sup>3</sup> CHARTIER, 1988.

Por conta de informações insuficientes relacionadas ao grupo religioso, isso contribuiu para a reprodução equivocada de fatos, e/ou até mesmo a criação de episódios que nunca aconteceram, sendo apenas fruto da imaginação popular. E foram justamente esses motivos que me conduziram ao meu objeto de estudo, - o movimento religioso “Borboletas Azuis”.

Por preferencia, trilho pelo caminho da análise das representações existentes nos periódicos que contribuiu na produção imaginária coletiva que persiste até os dias de hoje no tocante ao movimento messiânico-milenarista. Porém, ainda na fase de pesquisa me veio a pergunta: Isso dá uma História? E imediatamente lembrei-me de uma passagem de um dos primeiros livros que li na graduação, que foi o livro “Apologia da História ou o ofício do historiador” do Marc Bloch.

Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. [...] por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [...], por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. [...] Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça. (BLOCH, 2001, p. 54)<sup>4</sup>

Concernente à análise dos periódicos, busquei fugir das armadilhas inclusas nas entrelinhas de cada nota publicada. Dentre as dezenas publicações, fiz uma singela seleção na tentativa de mostrar as diversas representações, sem que o tema e a leitura do presente trabalho tornem-se demasiadamente cansativos. Com relação ao trato com os periódicos Tania de Luca nos aconselha que, *Depois de reiterar as armadilhas reservadas pela imprensa – corremos o risco de ir buscar num periódico aquilo que queremos confirmar, o que em geral acontece quando desvinculamos uma palavra, uma linha, ou um texto inteiro de uma realidade.* (LUCA, 2011, p. 117).<sup>5</sup>

Tenho por objetivo geral, apresentar o cotidiano dos adeptos movimento religioso, com o propósito inicial de desconstruir os conhecimentos equivocados que foram propagados à respeito dos “Borboletas Azuis”, e por fim sensibilizar os leitores à buscar maiores informações, para assim construir um novo caminho para um novo olhar e saber relativo à diversidade religiosa do nosso país, tal a riqueza de trabalhos acadêmicos tendo por objeto de estudo o grupo religioso “Borboletas Azuis” que eclodiu nos anos iniciais da década de 1960 na cidade de Campina Grande – PB.

## **1 DE CASA DE CARIDADE JESUS NO HORTO À “BORBOLETAS AZUIS”.**

A Casa de Caridade Jesus no Horto surge por ocasião de uma revelação recebida pelo então empresário campinense Roldão Manguieira Figueiredo por parte do Padre Cícero Romão que o aconselhou a fundar a instituição para fins sociais.

Roldão Manguieira Figueiredo homem de grande prestígio no meio empresarial, haja vista seu trabalho e sucesso como comerciante do algodão e mamona, chegou à cidade de Campina Grande ainda na década de 1930 vindo da região do Vale do Piancó, e logo se tornou um dos mais importantes empresários da cidade, e um dos homens mais ricos da região da Rainha da Borborema, pois contraíra um amplo patrimônio em imóveis, andava sempre muito bem trajado e mais tarde ligou-se à política filiando-se ao Partido Social Democrata.

No final da década de 1960, Roldão Manguieira teve alguns de seus depósitos de algodão e mamona incendiados, até hoje as causas dos incidentes são desconhecidas, o que se sabe ao certo é que diante de grandes prejuízos o empresário viu-se numa situação difícil, sem

---

<sup>4</sup> BLOCH, 2001.

<sup>5</sup> LUCA, 2011.

a mínima condição de reerguer os seus armazéns, e acusado por alguns de ser o autor dos incêndios com o proposito de receber os seguros e ainda sua insatisfação com as reformas da Igreja Católica, por meio do Concílio do Vaticano II<sup>6</sup>.

Desde a década de 1960 a Igreja Católica vem passando por uma vibrante renovação. O papa João XXIII foi, em parte, o inspirador desse movimento, quando em 1962 organizou um encontro geral dos bispos, ou concílio, no Vaticano. Uma das decisões cruciais ali tomadas foi que os serviços não mais deveriam ser realizados em latim, mas na língua do país onde fossem celebrados. Além disso, houve um apelo para que se lesse a Bíblia, de preferência numa tradição moderna, e foram organizados grupos de estudos bíblicos para os leigos. Depois da reforma protestante, a Igreja havia cessado de incentivar a leitura da Bíblia entre os leigos, temendo que isso pudesse levar a ensinamentos errôneos e a tendências heréticas. (GAARDER, 2005, págs. 203, 204).<sup>7</sup>

Foi neste contexto que Roldão recebeu a mensagem/revelação de Padre Cícero para abrir um Centro Espírita que teria como principal missão: a caridade.

A casa de caridade era mantida por ele, com suas próprias economias. Todos os eventos, como caminhadas espirituais, viagens transporte, alimentação, aquisição de materiais e manutenção do templo eram exclusivamente, operados à pessoa do líder, pois, mesmo que fosse algum ônus, por Roldão transferido aos adeptos, não seria possível o sustento da casa e atividades do grupo devido à baixa, e em sua maioria, não remuneração dos acólitos. (MANGUEIRA, 2014, p. 121).<sup>8</sup>

Atualmente a Casa de Caridade Jesus no Horto conta com apenas duas remanescentes, antigas seguidoras de Roldão que continuam a reunir-se para a prática de reuniões, embora em pequena escala comparando-se ao numero de reuniões que eram realizadas naquele reduto. As adeptas ainda têm por costume trajar-se de seus hábitos azuis, e aguardam pelo dia em que um líder aos moldes e características de Roldão Mangueira venha surgir, e guie o grupo até o dia do juízo final. A Casa de Caridade Jesus no Horto localiza-se na Rua Santa Rita no bairro do Jardim Quarenta.

No inicio o local era bastante frequentado e ficou mais conhecido como o Centro espírita de Roldão, vinha pessoas de diversos pontos da cidade para as reuniões onde se entoava cânticos e praticava o ritual da mesa branca. O grupo religioso com o passar dos anos foi ganhando cada vez mais adeptos, chegando a ter aproximadamente 800 seguidores.

De acordo com o depoimento de muitos remanescentes, assim como de familiares e amigos de Roldão Mangueira, líder espiritual dos “Borboletas Azuis”, a casa chegou a reunir no auge de sua popularidade (1º semestre de 1978), de 700 a 800 pessoas. Depois de algumas profecias recebidas por Luciene, muita gente teria abandonado o movimento. (ARAÚJO, 2008, p. 49).<sup>9</sup>

A seita passa a frequentar as páginas dos jornais quando por meio de uma jovem profetisa dos Borboletas Azuis, conhecida por Luciene, começa a receber mensagens

---

<sup>6</sup> O Papa João XXII convocou o Concílio Vaticano II em 25 de dezembro de 1961, este que foi solenemente aberto por ele em 11 de outubro de 1962 e encerrado pelo Santo Padre Paulo VI em 8 de dezembro de 1965. O Sumo Pontífice considerava que estávamos entrando num período grave da história humana. O Papa João XXIII desejava muito que, com o concílio, a Igreja encontrasse um modo mais atual de apresentar ao mundo a verdade de sempre. Nada de mudar a doutrina e a moral, nada de amolecer o Evangelho, mas apresentá-lo de um modo mais compreensível ao mundo naquela época.

Fonte: [http://wiki.cancaonova.com/index.php/Conc%C3%ADlio\\_Vaticano\\_II](http://wiki.cancaonova.com/index.php/Conc%C3%ADlio_Vaticano_II)

<sup>7</sup> GAARDER, 2005.

<sup>8</sup> MANGUEIRA, 2014.

<sup>9</sup> ARAÚJO, 2008.

mediúnicas da Virgem Maria e do Menino Jesus, e muitas dessas mensagens eram de cunho doutrinário, com imposições a respeito de usos e costumes, principalmente relacionados às mulheres, que foram proibidas de usar maquiagens, pintar unhas, usar determinadas roupas. Até que em certo momento foi imposta aos adeptos do movimento religioso que passariam a partir de então a usar um timão nas cores azul e branco, daí o codinome dado aos adeptos de Roldão de “Borboletas Azuis”.

Mas, foi em meados do ano de 1978 que o grupo religioso passa a se tornar o principal assunto da cidade de Campina Grande, foi exatamente por iniciar a propagação de um segundo dilúvio sobre a humanidade, entregando a mensagem por meio de panfletos pelas ruas com o objetivo de admoestar os cidadãos e convencê-los a mudar de vida e preparar-se para o apocalipse que tinha dia, mês e ano para acontecer, - 13 de maio de 1980.

O Diário da Borborema foi um jornal vinculado ao Grupo dos Associados fundado pelo jornalista Assis Chateaubriand, sua primeira publicação foi em 02 de outubro de 1957, e encerrando suas atividades no dia 1º de fevereiro de 2012. Na atualidade seu acervo pertence à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Utilizando-se do termo Borboletas Azuis para falar daqueles que frequentavam o templo da seita de Roldão, o Diário da Borborema tornou-se o maior propagandista do cognome da seita, que mesmo antes de ser utilizado pela imprensa em geral, já era utilizado por algumas pessoas com o objetivo de depreciar o grupo religioso.

A partir da profecia do dilúvio, no dia 13 de cada mês, os membros remanescentes passaram a fazer caminhadas de peregrinação pelas ruas centrais da cidade, anunciando o dilúvio e conclamando as pessoas a visitar a Casa de Caridade Jesus no Horto a fim de se voltarem pra Jesus e escaparem dessa terrível catástrofe. A figura daqueles crentes sem sandálias nos pés e vestidos com mantos azuis e brancos chamou a atenção dos moradores da cidade, que passaram a denominá-los “Borboletas Azuis”. (ARAÚJO, 2009 p. 50).<sup>10</sup>

O jornal por sua vez apropriou-se do termo que seria usado incessantemente em suas páginas, fazendo com que a seita fosse assunto presente nos cadernos e colunas do periódico.

## **2 BORBOLETAS AZUIS X DIÁRIO DA BORBOREMA**

Entre os anos de 1978 e 1980 não foram poucos os embates entre a seita milenarista e o jornal citadino, isso decorrente à maneira como o periódico anunciava o cotidiano da seita, nas entrelinhas de cada reportagem mesmo aquelas que seriam para defender algum ato do grupo religioso, estava presente frases que demonstrava claramente o discurso de intolerância religiosa.

Mas isto se acentuou a partir do momento quando os Borboletas Azuis passaram a proclamar pelas ruas de Campina Grande e cidades circunvizinhas por onde passavam em suas peregrinações, a respeito do fim do mundo que viria sobre toda a humanidade, pois os homens haviam provocado a ira de Deus com sua má conduta e costumes abomináveis, pois segundo os adeptos da seita estava por vir um novo tempo após o dilúvio de 120 dias, que deixaria o mundo livre daqueles que o perverte. Se a humanidade havia provocado a ira de Deus, os Borboletas Azuis por sua vez haviam provocado a ira da população, e em alguns momentos os adeptos da seita foram agredidos, nem sequer o seu líder, - Roldão Mangueira conseguira esquivar-se da fúria da população, nem muito menos dos olhares atentos da imprensa que nada deixava escapar.

Foram destaque de mais uma reportagem no Diário da Borborema de 26/09/1979, tendo lide (expressão em inglês: Lead), POPULARES ESPANCARAM ROLDÃO E SEUS

---

<sup>10</sup> ARAÚJO, 2009.

ADEPTOS<sup>11</sup>, a reportagem explica que isso aconteceu por conta de uma fala de Roldão Mangueira, onde o líder disse que atravessaria o Açude Velho<sup>12</sup> por cima das águas, fazendo uma referência ao episódio bíblico onde Jesus anda sob as águas descrito nos evangelhos do Novo Testamento, imediatamente a população contestou aquele episódio e discerniram que tanto as palavras quanto as atitudes daquele grupo religioso, não passava de heresias e mais agravante por se tratar de uma atitude extrema de violação às normas de condutas e bons costumes da provinciana cidade de Campina Grande.

Acrescento que, com relação ao episódio acima, é um dos equívocos que na atualidade ainda persiste no imaginário coletivo, há quem creia que Roldão Mangueira e seus adeptos tinham sim a pretensão de atravessar e/ou atravessaram de uma ponta a outra o açude andando sob as suas águas. Pois alguns momentos ao conversar com pessoas que foram contemporâneas do movimento religioso e falo sobre minha pesquisa, logo mencionam o episódio aqui em questão como se tivessem presenciado o fato.

Voltando para a discussão anterior a esta, relacionada ao apocalipse pregado pela seita, não podemos desprezar o fato de que, por meio de seus discursos os adeptos da seita milenarista de Campina Grande deixavam transparecer que o seu desejo era nada menos que,

[...] restabelecimento de um mundo mais humilde e harmonioso, tal como no início dos tempos no Éden, retratado nos relatos bíblicos do Gênesis, permite classificar o movimento como milenarista. Os Borboletas Azuis acreditavam que haveria um dilúvio – fixaram até uma data para sua ocorrência – após o qual seria instaurado um mundo renovado tal qual supunha ter existido no passado mítico da tradição judaico-cristã. (ARAÚJO 2009, p. 47).<sup>13</sup>

Este discurso corrobora com a afirmação de Nogueira (2008)<sup>14</sup> quando diz que, *Uma das marcas registradas da apocalíptica e de movimentos milenaristas que na história recriaram seu discurso e seus símbolos é a crítica dos poderes estabelecidos e a visão de um novo tempo de justiça e paz*. Estendendo a discussão apresentada na citação anterior, não podemos nos descuidar da relevância em analisar o contexto social em que o grupo religioso aqui em questão estava inserido.

Os anos finais da década de 70 e início dos anos 80, o nosso país vivia um momento delicado na economia, haja vista o alto índice inflacionário, o aumento exagerado no custo de vida, somando-se à falta de emprego, más condições de vida e surgimento de novas epidemias, enquanto que em nossa cidade acontecia um aumento no número de famílias sem teto ocasionando o surgimento de novas favelas e o contínuo crescimento das existentes; e não pude deixar de verificar em minhas pesquisas no Diário da Borborema o número acentuado de suicídios na cidade de Campina Grande.

A relação entre o folhetim e a seita milenarista com o passar dos dias foi ficando cada vez mais exasperada na medida em que se aproximava o dia marcado para acontecer o dilúvio, e as páginas do Diário da Borborema se tornou a principal arena onde aconteciam as batalhas entre o jornal e o grupo religioso.

---

<sup>11</sup> ESPANCARAM ROLDÃO, DB, 26 de setembro de 1979.

<sup>12</sup> O Açude Velho foi o primeiro açude da cidade de Campina Grande e foi construído por causa da seca que o Nordeste enfrentou de 1824 a 1828. Assim, a construção do açude pelo governo provincial paraibano foi iniciada em 1828 e concluída em 1830, sendo, por quase um século, o maior açude da região de Campina Grande. Antes de sua construção havia um curso d'água denominado "Riacho das Piabas". Mais tarde, nos anos de 1845 e 1877, a região passou por outra grande seca, tendo sido o Açude Velho importantíssimo como fonte de água para a população. Não somente os campinenses se beneficiaram com ele, mas também habitantes de outros municípios da Serra da Borborema. Hoje em dia, o Açude Velho constitui talvez o mais famoso cartão postal da cidade.

<sup>13</sup> ARAÚJO, 2009.

<sup>14</sup> NOGUEIRA, 2008.

### 1.1 Os Borboletas Azuis aterrissam na página OPINIÃO.

No Diário da Borborema havia uma página intitulada de OPINIÃO, que era dividida em alguns segmentos como: crônicas, notas do cotidiano político e social da cidade e de seus filhos ilustres, e uma seção intitulada DB: OPINIÃO PÚBLICA, onde eram publicadas opiniões de populares que eram interpelados pelos jornalistas do folhetim com relação aos assuntos de maior relevância no momento, e em algumas ocasiões o assunto Borboletas Azuis voltava a frequentar as rodas de conversas dos cidadãos campinenses, é válido salientar que muitas vezes o periódico citadino seria o culpado desse retorno da seita para as rodas de conversas.

A mídia impressa não media esforços para vulgarizar as manifestações religiosas de nossa cidade, por várias vezes ao folhear as publicações do Diário da Borborema pude verificar que não era apenas os Borboletas Azuis o principal alvo do discurso de intolerância religiosa, pois muitos dos seguidores das religiões de matriz africana e indígena, ou até mesmo os praticantes de algum ritual do catolicismo popular ou do protestantismo, já estiveram sob a mira das câmeras dos fotógrafos, vitimadas pelos lides sensacionalistas dos repórteres. Como exemplo, podemos citar a reportagem do Diário da Borborema do dia 22/01/1980, onde é relatada uma queixa de vizinhos contra o barulho feito pelos adeptos de uma igreja, vede abaixo.

Os moradores da Rua Conde do Bonfim, no Bairro da Palmeira, estão reclamando contra o funcionamento de **uma Igreja Evangélica ali localizada, cujos barulhos está trazendo incômodos aos vizinhos do Templo**. Apesar da maioria considerar-se com bastante respeito pelos cultos diversos, entretanto, alega que o horário de pregação, que geralmente inicia as 5 horas é impraticável e o barulho não deixa ninguém sossegado, o que está causando revolta nos moradores e solicitam a compreensão dos adeptos para uma melhor atenção com seus vizinhos [...]. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 1980, p. 1).<sup>15</sup> Grifos meus.

Os grifos presentes nas citações acima têm unicamente como fim, dar maior ênfase ao que tinha escrito nos parágrafos anteriores com relação ao jogo de palavras e/ou as sátiras usadas pela equipe editorial do jornal para chamar à atenção dos seus leitores para alavancar as vendas do folheto, mas não podemos deixar de lado que havia no seio dos colaboradores uma aversão declarada à prática de outras religiões senão a genuína, - O Cristianismo, ou melhor, a Igreja Católica Apostólica Romana.

Nas crônicas das edições do Diário da Borborema da semana que antecede o dilúvio, o jornal por sua vez na tentativa de alertar à população de que todo aquele discurso de final dos tempos não passava de um delírio coletivo dos seguidores de Roldão Mangueira, e que o objetivo de todo aquele movimento era para que houvesse um crescimento no número de seguidores. Portanto o jornal não perdia tempo em fazer suas colocações e exposição de opiniões dos seus colaboradores. Em cada edição que se aproximava do dia do fatídico dilúvio, mais o periódico usava suas páginas para pregar a não aceitação às profecias apocalípticas dos Borboletas Azuis.

Tudo que era escrito a respeito dos Borboletas Azuis era absorvido facilmente pelos leitores, tal ação ocorria principalmente pelo fato do grupo causar – em relação ao outro -, um sentimento de estranheza tanto em relação às suas práticas religiosas, por se tratar de um sincretismo religioso entre espiritismo e catolicismo, quanto a maneira de como a seita se vestia (usavam túnicas e mantos de cores azuis e branco, devido a uma revelação dada pelo próprio Jesus), e nas suas condutas morais (estavam subjugados a diretrizes do grupo que abominavam os usos e costumes da época).

---

<sup>15</sup> Igreja do bairro incomoda moradores. Diário da Borborema, Campina Grande - PB 22 de janeiro de 1980.

No dia 01/11/1979 a coluna DB: OPINIÃO PÚBLICA, por meio de jornalistas inquiriu alguns cidadãos com a seguinte pergunta: A polícia deve proibir a seita Borboletas Azuis? Nas respostas publicadas podemos observar claramente que embora a maioria não concorde com a intervenção policial contra a seita, há presentes termos e expressões depreciativas de não aceitação do grupo religioso, um caso típico de intolerância religiosa, vide adiante as transcrições de algumas falas.

Acho que **a polícia, ou melhor, as autoridades competentes devem interferir nessa seita no sentido de extingui-la de uma vez** que ela está estimulando um sério problema social em Campina Grande. Os adeptos dos Borboletas Azuis são pessoas ingênuas e sem o necessário nível cultural que lhes possibilitasse entender que estão sendo enganados por mais um dos pseudo-profetas que estão interessados, unicamente numa promoção social, tanto política quanto econômica”. (A. M. M. Tambaú – João Pessoa). “Acho que não pois, o movimento ainda está incipiente, logo é muito cedo para o povo e as autoridades assumirem certas posições de caráter repressivo acerca do mesmo. Particularmente, entendo que, sob a fachada religiosa desta seita deve existir necessariamente causas de caráter social, [...] Tudo isso dar ensejo às mistificações e fanatismos, como sempre ocorre nos momentos de crise social”. (F. F. Conceição – Campina Grande). “Acho que **o caso de Roldão Mangueira, é mais de carência de um tratamento psiquiátrico que de uma intervenção policial**, entendo que o fanatismo dos que acompanham aquela seita é gerado por ignorância e falta de orientação educacional em todos os níveis. Quero acrescentar que uma intervenção policial em qualquer setor da sociedade, é antes de tudo antidemocrático, portanto sou contra isso.” (J. A. Liberdade – Campina Grande). “Acho que a **seita de Roldão Mangueira é o ultimo teste para loucos**. Dali é só sair para João Ribeiro, e estamos conversados”. (F. A. S. Centro – Campina Grande). (DIÁRIO DA BORBOREMA 01/11/1979).<sup>16</sup> Grifos meus.

Os grifos na citação acima mostra claramente o problema de intolerância enfrentado pela seita, ainda nesta coluna em dias posteriores os populares foram inquiridos por perguntas como: Os Borboletas Azuis estão ameaçados de extinção? (DB, 20/11/1979), e Você acredita que ocorrerá o dilúvio no próximo dia 13? (DB, 01/05/1980). As respostas para as perguntas citadas acima não fugiram à regra, as falas dos entrevistados estavam repletas de termos e expressões execráveis, exímios exemplos de que a intolerância religiosa existente em nosso país e vem de longa data e ainda persiste na sociedade atual. Não podemos deixar de citar que, nesse período o nosso país estava sendo regido por militares, onde a repressão à todos os setores da sociedade embora o governo não admitisse, porém visível a todos os olhos.

Em conjunto com os artigos a respeito dos Borboletas Azuis, os jornalistas faziam uso de fotografias tiradas do grupo religioso quando estes estavam envolvidos em suas tarefas mesmo que fosse uma simples ida à feira ou até mesmo em seus lugares de trabalho, o cotidiano dos adeptos da seita havia sido transformado em um verdadeiro Reality Show . As imagens expostas nas reportagens do folhetim em muitos momentos não correspondiam na totalidade de veracidade dos fatos, as fotografias eram senão simples representações do grupo.

### 3 O APOCALIPSE DOS BORBOLETAS AZUIS.

Essa representação produzida pelo jornal Diário da Borborema da cidade de Campina Grande – PB da seita Borboletas Azuis, deu-se com maior veemência em virtude da seita religiosa propagar pelos lugares onde passava em peregrinações, de uma mensagem endereçada à toda a humanidade, esta havia sido enviada pelo próprio espírito de Jesus Cristo, por meio da mediúncia Luciene Fernandes em uma das seções de Mesa Branca que

<sup>16</sup> A polícia deve proibir a seita dos Borboletas Azuis? In: OPINIÃO PÚBLICA. Diário da Borborema, Campina Grande – PB, 01 de novembro de 1979.

frequentemente aconteciam na Casa de Caridade Jesus no Horto. O Diário da Borborema noticiava quase que diariamente notícias referentes ao grupo e isto acontecera desde a divulgação da mensagem abaixo.

A Casa de Caridade Jesus no Horto tem a honra de avisar à humanidade em geral que no mês de maio de 1980 haverá um dilúvio como no tempo de Noé e serão 120 dias de chuvas. Este aviso e comunicado é feito pelo próprio Jesus, por meio de seus da Casa de Caridade Jesus no Horto. O próprio Jesus afirma: se quiserem ver se é verdade ou não, venham à minha casa de caridade. A Santa Casa de meu pai. Lá não é como os bispos e padres pensam e andam fazendo críticas de seu próprio Pai do Céu e seus Servos da Terra. Um dia serão criticados por causa dos seus próprios pecados. Pois também só escaparam aqueles que realmente fizeram o que EU peço e se forem realmente católicos e rezarem o Rosário de Maria Santíssima e terem sempre ele (rosário) consigo: as mulheres devem andar vestidas da cabeça aos pés como se veste Maria Santíssima e os homens de timão como os apóstolos de Jesus. O próprio Jesus afirma: só ficarão na Terra as Igrejas, nem todas. Conventos, os animais, as árvores, as aves, a Casa de Caridade Jesus no Horto, e o povo que quer ser d'Ele. A Casa de Caridade Jesus no Horto está situada na cidade de Campina Grande, PB, à rua Santa Rita, nº 31, Bairro do 40. Nada mais, agradece a Casa de Caridade Jesus no Horto. C. Grande, 9 de junho de 1978. A Diretoria . (NOVAES; RAMALHO, 1990, p. 38)<sup>17</sup>

Por onde passasse os Borboletas Azuis eles estavam admoestando a população acerca do fim do mundo que seria na forma de dilúvio, porém não mais de 40 dias e noites, mas sim de 120 dias de chuvas ininterruptas. Segundo os adeptos da seita a mensagem falava do dia em que iria acontecer a separação entre os bons e os maus, estes últimos iriam ser extintos, pois, um novo mundo surgiria apenas para os bons. A pregação do grupo era de viés dualista, - o Bem e o Mau Céu e inferno; provocando a ira de parte da população que fazia julgamentos a respeito dos adeptos da seita não passar de um bando de loucos e/ou até mesmo de estarei enfeitados ou tomados por espíritos. Devido à falta de conhecimento de boa parte da população em distinguir os tipos de religião, enquadravam de forma genérica os espíritas e os praticantes das religiões de viés africano numa mesma fogueira .

Na descrição do apocalipse pregado pelos Borboletas Azuis o que coincidia com os demais discursos apocalípticos existentes no seio de outras seitas, era o desejo de restauração e restituição da ordem mundial; um cataclismo que viria sob a humanidade como corretivo de Deus, neste caso um segundo dilúvio com duração de 120 dias; e características do dualismo. Porém havia ausência de alguns elementos existentes no discurso do apocalipse judaico e cristão, como: as pragas, um messias salvador e a figura do anticristo e seu governo. Como podemos verificar na citação abaixo que traz um arcabouço de características presentes em outras descrições de apocalipse ao longo da nossa história.

As crenças no final dos tempos, nos pretendentes messiânicos e nas viagens e revelações celestiais seguiram ecoando nos mais diferentes grupos religiosos, na produção de artistas visionários e na cultura popular na criação de utopias escatológicas. O mundo medieval, em especial, foi pautado pela expectativa da vinda do milênio, antecedida do anticristo e de suas ameaças. Em momentos cruciais história, como na virada do ano mil, por exemplo, aumentaram as especulações de que o fim estava chegando. Estas esperanças se manifestavam de diferentes formas, muitas vezes acompanhadas de simbologia bizarra e de práticas fanáticas. Em situações de extrema opressão e alienação comunidades inteiras revisitaram o Apocalipse e reavivaram a seu modo sua forma dualista de entender o mundo: a ideia da vida em sofrimento como um martírio e a esperança na transformação radical de todas as coisas. (NOGUEIRA 2008, p. 107-108).<sup>18</sup>

<sup>17</sup> NOVAES; RAMALHO, 1990.

<sup>18</sup> NOGUEIRA, 2008.

Em entrevista ao Diário da Borborema o Pastor Fernando Soares Albernaz apresenta alguns aspectos que segundo ele, prova que as previsões da seita milenarista não tem fundamento, em sua fala usou a Bíblia como referencial.

Não há fundamento bíblico na profecia dos Borboletas Azuis, visto que a bíblia declara que o mundo não será destruído em água, mas com fogo, portanto apelamos para os adeptos daquela seita que voltem para Cristo e sua palavra, [...] pois a bíblia fala no fim do mundo; isto é, na segunda vinda de Jesus Cristo. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 04/05/1980 p. 14)<sup>19</sup>

Concernente ao discurso dos adeptos da seita sempre que inquiridos à relatar como aconteceria o dilúvio de 120 dias, entre os vários relatos descritos e estampados nas primeiras paginas do jornal, o seguidor da seita o sr. Antônio José da Silva, faz um relato fantasioso cheios de elementos que, claramente, tinha como função e objetivo amedrontar a população, e rendendo-lhe a primeira página do jornal na edição do dia 07 de maio de 1980 com a seguinte chamada: Borboleta Azul explica como será o dilúvio, onde o adepto relata que: *O sol vai girar três vezes consecutivas e haverá um trovão tão enorme que, na história da humanidade, só aconteceu no dia em Jesus Cristo foi assassinado.* (DIÁRIO DA BORBOREMA, 07/05/1980, p. 8).<sup>20</sup>

Com relação àqueles que se preocupavam com o que poderia acontecer com este grupo estavam os estudiosos e os mais atentos aos acontecimentos no mundo, já que naquela época devido à repercussão mundial de um suicídio coletivo dos adeptos de uma seita, liderada por um homem que chamava-se Jim Jones, sendo quase impossível essa comparação e/ou assimilação entre a seita de Jim Jones e a seita de Roldão Mangueira, e não poucas vezes havia a comparação entre os dois líderes.

O certo é que o imaginário das pessoas tinha sido forjado a partir da leitura do periódico citadino, PESAVENTO (2008)<sup>21</sup> diz que, [...] *na construção imaginária do mundo, o imaginário é capaz de substituir-se ao real concreto, como um seu outro lado, talvez ainda mais real, pois é por ele e nele que as pessoas conduzem a sua existência.* Eram poucos os que ainda criam nas promessas pregadas pela seita de que o dilúvio viria e um novo mundo novo emergiria ao baixar das águas, após os 120 dias de chuva ininterrupta, porém o fim do mundo apregoado pelo grupo religioso não aconteceu, com isso seus adeptos um a um dispersaram-se em busca de refúgio em outros apriscos, meses depois seu líder Roldão Mangueira morre e mesmo tendo outros líderes a seita não conseguiu arrebatar novos adeptos.

## CONCLUSÃO

O uso dos periódicos na pesquisa histórica tem sido de grande valia, pois nos proporciona olhar os diversos ângulos, e diferentemente do período e décadas anteriores, este instrumento de comunicação não se limita apenas ao mundo masculino, pois na atualidade há uma gama de jornais que atinge os diversos públicos, desde o político até o infantil. Cada qual fazendo o uso de suas armas e linguagens diretas sem deixar lacunas. O importante é que o público-alvo se identifique com o periódico. Assim cada vez mais isto nos possibilitará enquanto historiadores a construir novas histórias, e estas não apenas as dos vencedores, mas também dos de baixo e dos marginalizados.

<sup>19</sup> Pastor diz que previsão de dilúvio não tem fundamento. Diário da Borborema, Campina Grande – PB. 04 de maio de 1980

<sup>20</sup> Borboleta Azul explica como será o dilúvio. Diário da Borborema, Campina Grande – PB. 07 de maio de 1980.

<sup>21</sup> PESAVENTO, 2008.

## REFERENCIAS

- ARAÚJO, L. C. R. de. “Borboletas Azuis” de Campina Grande: crenças, práticas e lutas de um movimento messiânico-milenarista. 2008. 164f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Campina Grande.
- BLOCH, Marc. Apologia da História, ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. São Paulo: Difel, 1990.
- GAARDER, Jostein. O livro das religiões. Tradução: Isa Maria Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- LUCA, Tania Regina. “A história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.111-153.
- MANGEIRA, Davidson Belo. O Santo que pecou e a chuva que não veio: uma análise socioantropológica do movimento messiânico-milenarista, Borboletas Azuis. João Pessoa, 2014.
- NOGUEIRA, Paulo. O que é Apocalipse. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção primeiros passos; 333).
- NOVAES, R. C. R.; RAMALHO, J. R. Borboletas Azuis: Mediunidade, Catolicismo e a espera da nova mensagem. In: LANDIM, Leilah. (Org). Sinais dos tempos: Diversidade religiosa no Brasil. ISER - Instituto de Estudos das Religiões. Rio de Janeiro, 1990.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. 2.ed 2. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

## FONTES IMPRESSAS

- DB. Populares espancaram Roldão e seus seguidores. Diário da Borborema, Campina Grande - PB, 26 de setembro de 1979 p. 6.
- DB. Igreja do bairro incomoda moradores. Diário da Borborema, Campina Grande - PB 22 de janeiro de 1980 p. 16.
- DB. A policia deve proibir a seita dos Borboletas Azuis? In: OPINIÃO PÚBLICA. Diário da Borborema, Campina Grande – PB, 01 de novembro de 1979, p. 2.
- DB. Os Borboletas Azuis estão ameaçados de extinção? In: OPINIÃO PÚBLICA. Diário da Borborema, Campina Grande – PB, 20 de novembro de 1979, p. 2.
- DB. Você acredita que ocorrerá o dilúvio no próximo dia 13? In: OPINIÃO PÚBLICA. Diário da Borborema, Campina Grande – PB, 01 de maio de 1980, p. 2.

DB. Pastor diz que previsão de dilúvio não tem fundamento. Diário da Borborema, Campina Grande – PB. 04 de maio de 1980 p. 14.

DB. Borboleta Azul explica como será o dilúvio. Diário da Borborema, Campina Grande – PB. 07 de maio de 1980, p. 8.